
TRIGO NACIONAL, UM PRODUTO ESTRATÉGICO

Benami Bacaltchuk⁽¹⁾

É difícil falar em trigo no Brasil sem parecer lamentação. Tanto o setor produtivo quanto o setor de processamento e os consumidores estão saudosos do tempo em que todos os segmentos de sua cadeia recebiam pesados subsídios do governo, tendo chegado ao ponto do grão ser comercializado por somente 15% do valor recebido pelos produtores. O subsídio era justificado como forma de sustentar alimentação para a população em urbanização.

Este cereal, que até já se exportou, no século XIX, está num processo rápido e contínuo de declínio. Já se produziu 6,2 milhões de toneladas, em 1987, e para 1999 prevê-se uma colheita de somente 2,3 milhões de toneladas, para um consumo estimado de 8,5 milhões de toneladas. Essa dependência do grão importado, que nos coloca na posição do segundo maior importador do mundo, superados somente pelo Egito, que importa 7,2 milhões de toneladas/ano, custa à economia brasileira US\$ 895,2 milhões (US\$ 146,00/t, valor médio pago até 1998), quantia esta que poderia ser distribuída em grande parte internamente, já que sabidamente temos tecnologia exequível, áreas edafoclimáticas e ecológica-

mente aptas, produtores comprovadamente habilitados, indústrias estrategicamente instaladas e toda uma infra-estrutura de apoio disponível.

Esse declínio de produção tem como efeito mais visível a redução da área cultivada, sucateamento da infra-estrutura de apoio ao processo produtivo, encarecimento dos custos de produção das culturas de verão, diminuição da oferta de empregos e deterioração da renda dos estados e municípios sulinos, aumentando os problemas sociais que tanto pesam para o país. Tal declínio já causou a eliminação de pelo menos 160 mil empregos no campo desde 1985.

O trigo é tratado como produto estratégico na União Européia, nos Estados Unidos, no Canadá, na China e na Argentina e tem sido usado como moeda política extremamente persuasiva nos processos hegemônicos dos países do primeiro mundo sobre os ditos emergentes. Da mesma forma que a União Européia e os EUA usam trigo como moeda de troca para compra de matéria-prima estratégica e interdependência, o Brasil tem conhecimento, capacidade e espaço potencial para usar a mesma moeda em prol do seu desenvolvimento.

Neste ano, o país já iniciou a colheita em uma área de 1,2 milhão de hectares, apesar de ter, comprovadamente, potencial para cultivar 3,8 milhões de hectares, como ocorreu em 1986. Somos capazes de, sem necessidade de investimentos especiais para o desenvolvimento ou abertura de áreas novas, cultivar mais de 10 milhões de hectares nas regiões tradicionais de produção e no cerrado brasileiro, já desbravado, principalmente, em áreas com irrigação.

A produtividade deste ano está projetada para 1.850 kg/ha, próximos dos 2.200 kg/ha da Argentina e Canadá, rendimento este pelo menos 300 kg/ha superior ao de 1998, quando ocorreu excesso de chuva no fim do ciclo da cultura. É importante destacar que naquele ano, apesar dos pro-

(1) Engº Agr., Chefe Geral da Embrapa-Trigo, BR 285, Km 174, Caixa Postal 451, 99.001.270 - Passo Fundo. Fone: (0xx54) 311-3641 - FAX: (0xx54) 311-3617. E-mail: benam@cnpq.embrapa.br

blemas de excesso de chuva que danificaram qualidade e produtividade do trigo em algumas regiões, grande número de produtores registraram produtividade superior a 4 t/ha, permitindo a convicção de que a cultura é exequível e que produtores têm habilidade para viabilizá-la. Nesta safra, 1999, alguns produtores do norte do Paraná, que já iniciaram a colheita a partir do mês de agosto, estão obtendo rendimentos superiores a 4.500 kg/ha.

Se for necessário buscar argumentos para a triticultura nacional deve-se considerar alguns aspectos relevantes como se segue:

Pontos Fortes: tecnologia disponível, que viabiliza estabilidade da produtividade em anos ruins ou o incremento destas em anos favoráveis; sistema produtivo que permite o cultivo de duas safras/ano (trigo/soja, trigo/milho, trigo/feijão), aumentando a renda da unidade produtiva; sustentabilidade ambiental e econômica pelo uso do sistema de plantio direto na palha; sistema de produção de sementes, que possibilita a introdução, em curto prazo (máximo três anos), de novas cultivares e, por consequência, de novas tecnologias; redução de custos de produção das culturas de verão em, no mínimo, 15%; infra-estrutura disponível em áreas de cultivo, máquinas e equipamentos, estradas, meios de transporte, armazéns, pesquisa e desenvolvimento, assistência técnica, além de produtores treinados e com reconhecida competência; mercado interno em expansão e com segmentação definida para tipos de trigo (trigos para pão, biscoito, massas e macarrão; para bolos e ração animal).

Pontos Fracos: instabilidade climática, principalmente no que se refere às chuvas na colheita; colheita, pós-colheita e armazenagem deficientes, influenciando a qualidade do produto final; preço condicionado pelo mercado intra-regional (Mercosul) e internacional notavelmente influenciados por subsídios em outros países; financiamento à estocagem inadequado, resultando em instabilidade de preços e favorecendo a sazonalidade; custo de produção influ-

enciado negativamente pelo custo Brasil (impostos, transportes e custos financeiros) que induzem a restrições tecnológicas.

Ameaças: o trigo é usado como moeda de troca para viabilizar a exportação de manufaturados; oferta de produto argentino com vantagens comparativas, principalmente no tocante a custos de produção e a facilidades inerentes ao Mercosul; preços internacionais subsidiados; ações de grupos de interesse, tanto interna como externamente; triangulação na importação de trigos da Europa e da América do Norte como se fosse produzido no Mercosul; indefinição política sobre a produção nacional.

Oportunidades: demanda por trigo "soft" para biscoitos e bolos, para atender ao mercado nacional e internacional, o qual temos condições e facilidade de produzir tanto para suprir demandas em nível nacional quanto internacional; aumento potencial da demanda de consumo no mercado internacional. No ano 2005 a população mundial será de 6,3 bilhões, e o consumo previsto pode chegar a 740 milhões de toneladas de trigo; geração de empregos - 15 hectares de trigo geram um emprego direto e pelo menos mais um indireto; economia de divisas de pelo menos US\$ 1,0 bilhão/ano em importação de trigo; utilização da infra-estrutura disponível nas propriedades, no setor de transporte, armazenagem, e no setor moageiro, evitando ociosidade e aumento de custos em outras culturas (reduz em até 15% o custo das culturas de verão); aumento da atividade econômica em todos os setores da economia nas regiões produtoras; novas regiões, como a dos cerrados brasileiros, em área irrigada e de sequeiro, que necessitam de opção econômica para rotação que evita doenças, como, por exemplo, "esclerotinia" em feijão irrigado; diversificação de renda, permitindo ao agricultor ter renda mais de uma vez por ano.

Desafio: produzir trigo com qualidade e competitividade para a preservação de empregos e do ambiente, do negócio agrícola como um todo.